

"A GUERRA, TAL COMO A VI"

FATOS, IDÉIAS, CONCEITOS E PRINCÍPIOS DE EMPREGO,
SEGUNDO O GENERAL GEORGE S. PATTON, JR.

Tradução e adaptação pelo Ten-Cel Art (QEMA)
HUGO SUCUPIRA.

O General Patton foi, realmente, um homem extraordinário e a sua morte, uma perda irreparável, não só para o Exército dos EUA, como também para aquêles de tódas as nações do mundo livre. Em seu livro, "War as I knew it", publicado após a sua morte, pelo Cel Paul D. Harkins, membro de seu EM durante a guerra, a par de relatos pessoais a seus familiares, sôbre as operações aliadas, na II Guerra Mundial e de uma demonstração inequívoca de seus grandes conhecimentos sôbre a história antiga e contemporânea, o General George Patton, ao término da obra literária, trouxe a luz, fatos, idéias, conceitos e princípios de emprêgo ou de liderança que verdadeiramente evidenciam sua preocupação com todos os aspectos da arte da guerra.

Ao tentarmos traduzir os últimos capítulos do livro, procuramos fazê-lo adaptando alguns trechos, cortando outros para reuni-los mais adiante a um conceito isolado, tudo no sentido de apresentar uma modesta cooperação ao estudo da personalidade do grande líder militar norte-americano.

Não temos certeza sôbre os resultados da adaptação. O leitor indulgente, sabedor das dificuldades inerentes a êsse mister, irá nos desculpar, por certo, as imperfeições. É, realmente, perigoso procurar interpretar o pensamento de um homem como o General Patton. Mas, a tanto nos levou a audácia humana.

No tocante à tradução, eis alguns parágrafos que, aos nossos olhos, maior interesse podem trazer e melhor servir à meditação dos companheiros d'armas:

— Provavelmente, nada haverá de original no que passarei a dizer, daqui por diante, porque a guerra é um assunto muito antigo e eu, um velho rabugento que a estudou e praticou por mais de quarenta anos. Assim sendo, tudo o que tenha podido parecer a mim como um pensamento original, será talvez um produto do subconsciente.

— O soldado faz o Exército. Nenhum Exército poderá ser melhor do que seus soldados. Mas, o soldado é também um cidadão. Na verdade o dever mais sagrado, decorrente da cidadania, é pegar em armas para a defesa da nação. Este fato, mais do que um dever, é um privilégio.

— Para ser um bom soldado, o homem deve ter disciplina, respeito próprio, orgulho de seu país e de sua unidade, um alto senso do dever e das suas obrigações para com seus companheiros d'armas e superiores hierárquicos, além de uma autoconfiança, derivada de uma capacidade profissional, realmente, demonstrada.

— Todo ser humano possui uma resistência inata à obediência. A disciplina remove essa resistência e, por meio de sua prática constante, torna a obediência um hábito. O que poderia conseguir um time de futebol indisciplinado? Um combate é muito mais exigente do que o futebol. Nenhum homem, em seu juízo perfeito, deixa de sentir medo em combate, todavia, a disciplina lhe proporciona um tipo de vigorosa coragem que o conduz à vitória.

— A curiosa expressão "cave ou morra" é, além de muito usada, pouco compreendida. Não se pode vencer uma guerra adotando táticas defensivas. O ato de cavar um abrigo é, principalmente, defensivo. A única oportunidade, em que seria lícito, a um soldado, cavar um abrigo aparece quando o mesmo atinge o objetivo final do ataque ou quando tem que passar a noite em circunstâncias tais que possa sofrer a influência de uma ação inimiga. Pessoalmente, sou contra cavar qualquer abrigo, em qualquer situação desse tipo, porque a possibilidade de ser atingido ou morrer, enquanto estiver dormindo no solo limpo é muito remota e a canseira, resultante de estar cavando inumeráveis abrigos individuais, é evitada. Há também, um efeito psicológico bastante prejudicial na mente do soldado, porque este pode associar ao fato de ter que cavar um abrigo, àquele de que o inimigo é perigoso, o que, normalmente, não é verdade.

— Nos dias em que o fogo das armas portáteis, no campo de batalha, era principalmente, executado por fuzis, talvez fôsse necessário progredir por lances, em "marche-marche". Hoje entretanto, quando metralhadora domina, ou serve de base à cortina de fogos de infantaria e a artilharia cobre os intervalos, em conjunto com os morteiros, não há vantagem em agir daquela forma e isto porque até que atinjamos uma posição há trezentos metros do inimigo, o fogo das armas portáteis tem pequeno efeito, ao passo que, quando nos deitamos, entre dois lances sucessivos, ficamos expostos aos efeitos dos estilhaços das granadas ou do "Shrapnel". Quando atingirmos à distância dos trezentos metros, o fogo de nossas próprias armas, certamente, neutralizará o do inimigo e assim não precisaremos progredir por lances. Digo isso porque pude observar, muitas vezes, em manobras ou combate, homens avançando por lances, mesmo quando estavam desenfreados e podiam caminhar de cabeça erguida ou viajar de limousine — se houvesse alguma disponível — completamente imunes. O que quero dizer é que, se não podemos evitar o fogo dos morteiros ou da artilharia, a coisa mais estúpida que podemos fazer é parar debaixo dele. Pelo contrário, devemos avançar sempre! Além disso, o fato de que, tirando sempre, continuaremos avançando, aumenta a nossa autoconfiança e o sentimento de que estamos fazendo alguma coisa e que não estamos sentados, como um pato, recebendo tiros. Lembremo-

-nos também que o inimigo terá sempre uma tendência para alongar, ao invés de encurtar os seus tiros.

— Tenho certeza de que se afirmássemos que "o fogo é o rei dos campos de batalha" estaríamos evitando muitas discussões sobre as qualidades das armas combatentes e estaríamos muito mais perto da verdade. As batalhas são vencidas pela combinação do fogo e do movimento. Nada se movimenta mais no campo de batalha, do que o próprio fogo de todas as armas, em condições de atirar. Isto tem como objetivo colocar o inimigo em posição desvantajosa. Os deslocamentos das tropas servem àquele objetivo.

— Nunca se deve atacar aonde o inimigo espera que se faça. É preferível que se escolha um terreno de progressão mais difícil e isso se aplica até o escalão Divisão. Para os escalões superiores à Divisão deve haver uma exceção, porque tanto o Corpo de Exército com o Exército devem conquistar regiões em que as estradas, rodo ou ferrovias, tenham capacidade que permita o funcionamento do sistema logístico. Essas estradas, como pontos capitais, serão defendidos, pelo inimigo localizado nas elevações que as dominam. Por isso a missão das Divisões de um CEx, por exemplo, seria atacar através campo e conquistar aquelas alturas e não seguir pelo vale, tentando ocupar cada trecho das estradas.

— O processo de segurar o inimigo pelo nariz ou pelas orelhas e dar um pontapé na traseira, empregando o movimento, é uma verdade agora, nesse momento em que escrevo essas notas, tal como o foi há vinte anos atrás e mesmo desde que a guerra é guerra. Qualquer operação, reduzida em sua expressão mais simples, consiste de uma progressão até o estabelecimento do contacto e depois, uma fixação na frente com um envolvimento de um ou dos dois flancos. A repartição das forças, de fixação e de envolvimento, é de 1/3 e de 2/3, respectivamente.

— O envolvimento vertical ou horizontal, sob o ponto de vista tático não deve ser muito profundo. Conseguimos os melhores resultados quando regulamos os objetivos até as posições da artilharia inimiga. Nessa região desorganizaremos os suprimentos e as comunicações do inimigo e estaremos dentro da distância de apoio das forças do ataque frontal.

— Os oficiais mais graduados sempre têm mais tempo. Assim, em campanha, esses é que devem visitar os subordinados, ao invés de exigirem que sejam visitados. A única exceção aparece quando se tratar da formulação de um planejamento coordenado.

— Minha experiência indica que comandantes bem sucedidos são verdadeiras prima-donas e assim devem ser tratados. Alguns oficiais precisam ser acionados, outros pedem sugestões, e muito poucos têm que ser contidos.

— No planejamento de qualquer operação, é vital que nos lembremos de duas coisas: "Nada é impossível na guerra, desde que empreguemos a audácia na execução". "Não podemos dar largas aos nossos receios". Esses dois princípios, uma vez bem sedimentados do nosso subconsciente, bastarão para nos dar a vitória.

— Os exercícios em caixão de arêia, levados a efeito pelos Estado-Maiores inclusive aquêles dos Corpos e dos Exércitos, em campanha, são de grande utilidade e eficiência, na preparação de um ataque.

— Os soldados deviam saber que as pêrdas em combate são o resultado de dois fatores: primeiro o fogo ajustado do inimigo e segundo o tempo durante o qual um homem fica exposto a êsse mesmo fogo. O tempo de exposição será diminuído pela rapidez da progressão.

— Se fôsse aceitar a definição de bravura como sendo a qualidade de um homem não sentir medo de nada, então, nunca teria visto um bravo. Todos tem medo, do soldado ao general, cada um a seu geito e conforme as responsabilidades. O homem corajoso é aquêle que, apesar do medo, se sobrepõe a si mesmo e continua avançando. A disciplina, o orgulho, o respeito próprio, a auto-confiança e o desejo da glória são atributos que farão um homem corajoso, mesmo quando está com medo.

— O grande remédio contra o que se convencionou chamar de "fadiga de combate" é muito simples. Se os soldados se capacitassem de que a maioria dos homens, que alegam estar sofrendo de fadiga de combate, está mesmo é procurando uma forma de fugir, facilmente, do perigo, aí então, aquêles poltrões passariam a merecer menos simpatia de nossa parte. Um tal tipo de sub-homem está prejudicando os outros que possuem mais disposição para a luta. Se os soldados fizessem pouco caso daqueles que comesçassem a mostrar sinais de fadiga de combate, conseguiriam evitar não só que a mesma se espalhasse, como também salvariam os "pobre-coitados" que estivessem fazendo corpo mole, evitando-lhes uma vida futura de humilhação e remorso.

— A natureza do terreno e a resistência apresentada pelo inimigo determinarão se um ataque deve ser liderado por carros ou por infantaria. Se o terreno permite uma rápida progressão aos carros, êstes devem liderar o ataque, mesmo se houver previsão de pêrdas pesadas em razão de campos de mina. Nos casos que tivermos que atravessar floresta densa, ou em que a infantaria inimiga estiver organizada e as armas AC não tiverem sido, perfeitamente, localizadas, a infantaria deve liderar, seguindo o CC logo à retaguarda, para atuarem como artilharia de apóio direto.

— Nos combates em localidades, é essencial que se evite as correrias. Um grupo de combate pode efetuar limpeza de um quarteirão, em doze horas. Quando se dispuser de carros, em apoio ao ataque, êsses poderão substituir os lança rojões, na abertura de brechas nas paredes do andar térreo das edificações. Devem entretanto, progredir com escotilhas fechadas para evitar que sejam atacados com granadas de mão, lançadas dos andares mais altos. Os infantes devem proteger os carros, procurando manter o inimigo afastado das janelas.

— Atacando em campo aberto, que possua certo número de árvores isoladas, evitemos a proximidade dessas últimas, pois que serão sempre pontos de referência para a artilharia e a aviação adversária. Nesse tipo de ataque devemos dispersar as nossas tropas. Da mesma forma,

não devemos ocupar casas isoladas para postos de observação ou para postos de comando, como vi ser feito, inúmeras vezes.

— Não devemos localizar grandes instalações rádio, perto das PC. Pelo contrário, devem ser separadas, disfarçadas e ligadas por circuitos telefônicos. De outra forma, o inimigo aéreo localizará não só os rádios, como principalmente o PC.

— No desencadeamento e conduta de qualquer tipo de ataque, devemos usar as comunicações com fio, ao máximo. Esta idéia diz respeito também às unidades de 1º escalão. Os meios rádio, embora teoricamente eficientes, não se comparam com os meios com fio e devem ser considerados como um meio secundário. Em uma ocasião, realmente, executamos um ataque, com base em um grande número de carros de combate, na ponta de 23 quilômetros de fios.

— Qualquer soldado que se rende com armas nas mãos não está cumprindo os seus deveres para com o seu país e está se vendendo muito barato, porque as condições de vida de um prisioneiro de guerra é extremamente desconfortável.

— Existe uma grande diferença entre rapidez e pressa. Esta última aparece quando uma tropa é empenhada sem reconhecimento, sem apropriado sistema de apoio de fogos e com o emprêgo parcelado das forças. Assim, a tropa inicia o combate com mais rapidez, mas termina a ação muito depois do que seria de se esperar.

— A disciplina administrativa é um indício da existência de uma disciplina de combate. Um comandante que seja incapaz de estabelecer e impor uma disciplina administrativa, não poderá também conseguir uma disciplina de combate.

— A principal finalidade do Estado-Maior Geral e do Especial é permitir que as tropas em primeira linha recebam tudo o que necessitam, em tempo e a hora. Quando engajadas na batalha, as tropas tornam-se temperamentais e passam a pedir coisas de que, realmente, não necessitam. Todavia, se fôr humanamente possível, os seus pedidos devem ser atendidos, não importando quão pouco razoáveis possam parecer.

— Evitemos quaisquer atrasos. "O melhor é inimigo do bom". Quero dizer com isso que um bom plano, violentamente executado *agora*, é melhor do que um perfeito plano, na semana seguinte. A guerra é uma coisa muito simples e suas principais características são: autoconfiança, velocidade e audácia. Nenhuma dessas características pode ser perfeita, mas pode sempre ser boa.

— Há um maior número de Generais comandantes de Divisão cansados, do que propriamente Divisões. Oficiais que demonstrem cansaço tornam-se sempre pessimistas. É preciso que nos lembremos bem disso, quando formos examinar um relatório de combate. Os Generais Comandantes não devem nunca demonstrar dúvida, indecisão ou fadiga. Devem adotar um uniforme, ligeiramente diferente, de forma a que possam ser logo identificados por seus soldados.

— A melhor forma de transmitir uma ordem é fazê-lo verbalmente, de um General para outro. Se isso não fôr possível, ainda o telefone pode servir para esse contacto. Todavia para que haja um arquivo dos entendimentos trocados, há necessidade de se fazer um registro posterior para poder ser consultado, a qualquer momento, por quem deva cumprir as ordens correspondentes. Esse registro tem também a finalidade de ressaltar a responsabilidade dos subordinados.

— Os comandantes devem ficar bem certos de que a expedição de uma ordem ou a confecção de um plano é apenas 5% da sua responsabilidade. Os outros 95% devem incluir a segurança, por meio da observação pessoal ou através da interposição de um oficial do estado-maior, de que a ordem está sendo cumprida. As ordens devem ser expedidas com tempo bastante para permitir a sua disseminação.

— Nunca devemos dizer *como* fazer uma coisa. Devemos, sim, dizer *o que* fazer e ficaremos maravilhados com a iniciativa dos nossos subordinados.

— As responsabilidades de um oficial são muito semelhantes às de um policial ou um bombeiro. Quanto melhor procure êle desincumbir-se de suas tarefas diárias, tanto menos freqüente será necessário que tenha de tomar uma medida drástica.

— Ao recordar a minha longa vida militar, fico surpreso ao constatar que muito poucas vêzes tive oportunidade de fazer jus aos meus vencimentos. Entretanto, o fato de que não me foi necessário tomar medidas drásticas, com freqüência, talvez queira dizer que, pelo menos, cumpri o meu dever.

— É verdade que a entrevista coletiva à imprensa, realizada em 22 de setembro de 1945, me custou o Comando do III Exército, ou melhor, de um grupo de soldados, na maioria recrutas, os quais haviam sido designados, pouco tempo antes, para reativar aquela histórica GU. Durante a conferência fui, realmente, duro e objetivo porque acreditava ter chegado o tempo em que o povo tinha direito de saber o que estava acontecendo. Minhas palavras definitivamente, não tiveram qualquer cunho político. Todavia, ainda estou para saber quando palavras *políticas* podem produzir um bom governo.

— A única coisa que não pude dizer naquela época, e, talvez, não possa dizer ainda, é que minha principal preocupação em estabelecer a ordem em território alemão era evitar que a Alemanha se virasse para o comunismo. Tenho receio de que a nossa desorientada, ou mesmo estúpida política com respeito àquele país iria levá-lo a aliar-se à Rússia e assim estabelecer uma nação comunista em plena região central da Europa Ocidental.

— Ao término desta guerra, a última em que tomei parte, é muito triste para mim saber que já perdi a última oportunidade para justificar as despesas que meu país teve comigo. Pelo menos, resta-me o consôlo que fiz o máximo possível, com a ajuda de Deus Todo Poderoso!